

UMA PARANOIA COMPLETA

JORNAL DA TARDE

4 OUT 1966

O economista Décio Munhoz define a situação da economia

O Plano Cruzado é uma "paranoia completa": está sendo claramente fulminado pela atual política econômica que, de tão irrealista, está liquidando a estabilidade social. A advertência foi feita ontem pelo professor Décio Garcia Munhoz, da Universidade de Brasília, primeiro coordenador da comissão encarregada de elaborar projeto econômico do governo Tancredo Neves.

Para ele, o Plano Cruzado enfrenta grandes contradições: de um lado, pretende aumentar produção, mas, de outro, age contra esse propósito, na medida em que mantém os preços congelados em níveis irrealistas, e que permite elevações dos juros, favorecendo a especulação. Munhoz diz que a redução do IPI sobre cigarros, num momento em que se questionam os subsídios ao trigo e ao leite, é uma "paranoia completa".

Numa entrevista que concedeu a um semanário que circula em Brasília, Munhoz chega a ridicularizar os argumentos do governo, de que estaria ocorrendo hoje um "excesso de demanda". Para ele, tudo não passa de uma mistificação.

Munhoz acusa o Plano Cruzado de ter reajustado pela média os salários, dando-lhes em seguida um aumento real de 8% que já foi comido pela inflação. Com isto, tem-se a plena consolidação das perdas que a inflação impõe aos salários. O plano também impõe perdas a uma enorme camada de empresários com a adoção de um congelamento de preços que apanhou um grande número de empresas desprevenidas, às vésperas de um reajuste que não chegou a concretizar-se. Deste erro, surgiu a cobrança de ágio. As empresas que não puderam alterar seus custos piorando a qualidade e o tamanho do produto, ou alterando a embalagem, ou que não foram agraciadas com a redução de impostos, tiveram de partir mesmo para a cobrança de ágio.

Quando o governo proíbe o ágio, o empresário terá que produ-

zir com prejuízo ou com lucro muito pequeno. Isso é irrealismo, porque você não obriga ninguém a produzir e vender com prejuízo. Então, começa o grande problema que estamos sentindo, que é a restrição da oferta. Por que vou produzir, se tenho prejuízo, e se, indiferentemente disso, pego o meu dinheiro e aplico na especulação financeira, que o governo proporciona com seus papéis, e vou ganhar rios de dinheiro? — indaga.

Dizer que há excesso de demanda na economia, segundo Munhoz, é uma maneira de desviar o assunto, uma mistificação. Na verdade, afirma ele, o nível de emprego é muito alto, os salários são melhores desde o ano passado, com a política de crescimento econômico, que aumentou o nível de emprego e conferiu, assim, aos sindicatos maior poder de barganha. O nível de produção e de consumo se elevou, isso é inegável, mas isso vinha desde antes do congelamento. O único fato novo, para Munhoz, "é que as empresas não estão estimuladas a produzir, preferindo aplicar no mercado financeiro. O governo está patrocinando a especulação solta. E, se a empresa ganha especulando, por que vai perder produzindo?"

Juros

Neste momento, segundo Munhoz, o governo está transferindo cerca de 10 milhões de dólares dos assalariados para os banqueiros, através do aumento das taxas de juros, que acarretam elevação de custos para as empresas e que acarretam maiores preços finais, quer na forma de piora da qualidade do produto, quer na forma de novos ágios.

Décio Munhoz coloca em dúvida os dados oficiais da inflação, e prevê um futuro sombrio para o Plano Cruzado e para os assalariados:

— Os órgãos pesquisadores da inflação, quando fazem o levantamento no atacado, enviam uma lis-

ta de preços para a indústria conceder as informações. É lógico que a empresa vai informar o preço constante da tabela, e não o preço cobrado. No varejo, os produtos são todos vendidos com ágio, e, então, você não consegue captar o verdadeiro preço de mercado.

— O Plano de Estabilização está atravessando um período muito difícil, conduzido de tal maneira a se auto-desarticlar. O salário, reajustado pela média, foi lá para baixo, recebendo um abono de 8% já comido pela inflação. Essa média salarial utilizada nos reajustes será o pico do futuro. Então, teremos salários decrescentes no futuro, reajustados pela média, cada vez mais baixa, que levam a um processo de concentração de renda e de tensões sociais inevitáveis, porque ninguém vai aceitar, além de perder os 25% determinados pelo Plano Cruzado, ter novas perdas agora.

"Grandes tensões"

Para Décio Munhoz, é um absurdo que a Nova República apresente uma proposta de política social e implante exatamente o que foi feito pelo governo anterior. "Teremos pela frente grandes tensões. E, no meio do caminho, o gatilho que determina ajuste automático dos salários, sempre que a inflação atingir 20%. Isso significa que, para fazer o acerto distributivo, restabelecer o lucro das empresas e para transferir para os banqueiros e aplicadores uma parte da renda, fruto da especulação, das altas taxas de juros, a taxa de inflação para resolver isso terá de ser muito mais elevada. Quando se dá o aumento de salários automático, a empresa repassa a carga aos preços, e daí a quatro meses a inflação chega novamente a 20%. Há novo aumento de salário, e a empresa volta a repassar para os preços, gerando nova inflação. Nós estamos assim imbecilizando para uma situação sem saída na área econômica. O quadro que temos hoje é de desestabilização muito maior que o anterior."